

É necessário (re)ler Ferdinand de Saussure nos manuscritos originais

Entrevista de Laurent Wolf com Simon BOUQUET

Nessa entrevista Simon Bouquet fala da importância de se retornar aos escritos originais de Saussure e às anotações de seus alunos do curso. O pesquisador franco-suíço tira conclusões de grande importância para a história das ideias em Linguística e em Filosofia das ciências humanas.

Pesquisador no Departamento de Línguas e Literaturas Românicas na Universidade de Berne, instituição em que preparou uma nova edição das lições de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure, Simon Bouquet nasceu em Paris, estudou Linguística e Filosofia e lecionou na Universidade de Paris X – Nanterre. No entanto, ele é um verdadeiro suíço: sua mãe é de Zurique e seu pai meio - tessinois. Bouquet publicou em 1997 nas Edições Payot uma “Introdução à Leitura de Saussure”¹, obra na qual busca demonstrar a pertinência de um novo exame do pensamento do mestre genebrino.

Os trabalhos de Ferdinand de Saussure tiveram uma influência considerável no desenvolvimento da Linguística Ocidental; eles também serviram de referência às ciências humanas do século XX (ao lado de pensadores como Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan ou Roland Barthes, por exemplo). Mas o pensamento de Saussure é conhecido por uma obra que não é de sua autoria: o “Curso de Linguística Geral”, publicado por dois de seus colegas, Charles Bally e Albert Sechehaye. Hoje, baseado nos manuscritos do linguista e nas anotações do curso feitas por seus alunos, Simon Bouquet mostra como o trabalho de Bally e Sechehaye introduziu distorções no discurso do mestre. Ele nos convida, com base nos textos originais, ao mesmo tempo a uma nova compreensão da Linguística saussuriana e a uma reflexão sobre a história das ideias em ciências humanas.

¹ Tradução brasileira *Introdução à Leitura de Saussure*, Cultrix, SP, 2000.

O Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure, publicado em 1916, dois anos após sua morte, foi escrito por Bally e Sechehaye, os quais eram seus discípulos. No prefácio de “Introdução a Leitura de Saussure” (Payot), você diz que a versão deles deforma o pensamento do mestre genebrino.

O “Curso” de 1916 é uma recomposição, com base nas anotações dos alunos feitas entre 1907 e 1911 durante três sessões de aulas intituladas “Linguística Geral”. Com a morte de Saussure, alguns de seus alunos que haviam se aproximado, e notavelmente seus colegas Bally e Sechehaye, mesmo não tendo acompanhado essas aulas de Linguística Geral, tinham o pressentimento de que alguma coisa de importante havia acontecido. Que havia sido inaugurada uma nova maneira de pensar a ciência da linguagem e de projetar o futuro desta ciência. Ao mesmo tempo, eles provavelmente pensaram que a novidade – o brilhantismo próprio – do pensamento de Saussure se refletiu apenas imperfeitamente nas anotações dos alunos e representaram, assim, o único traço desse evento de pensamento (com alguns raros escritos).

Eles se renderam à tentação de fazer, apoiados em fragmentos provenientes de três sessões distintas do curso, um único livro, “o” Curso. Eles o conceberam bem, certamente, uma vez que esse livro teve o sucesso e a influência citada. Mas se, na tradição da interpretação saussuriana – iniciada, na segunda metade do século, por Robert Godel e Rudolf Engler – compara-se atentamente o “Curso” com todos os outros textos originais disponíveis (incluindo os manuscritos e as anotações dos alunos encontradas a partir de 1916), percebe-se, primeiramente, que o “Curso de Linguística Geral” muitas vezes realmente se distancia da palavra do professor e, sobretudo, que o pensamento que aparece nos textos originais revela-se, na entrada do século XXI, mais interessante e mais rico de questões que o texto de 1916. As diferenças aparecem em vários níveis. Por um lado, elas envolvem questões fundamentais à teoria da Ciência Linguística (as questões ligadas principalmente aos conceitos, reconhecidos como saussurianos, de arbitrariedade e de valor, mas também a outros problemas, como aqueles ligados ao estatuto da sintaxe ou do ato de fala na teoria da linguagem); por outro lado, a diferença principal está na lógica dos argumentos desenvolvidos nos três cursos, refletida nos cadernos dos alunos e reconstruída pelos autores do “Curso” – acho que deve ser dito “os autores” mais que “os editores” – de acordo com o plano de um único curso ideal; em terceiro lugar, descobre-se, por trás do pensamento de Saussure, uma “teoria do conhecimento” implícita – grandemente prejudicada por Bally e Sechehaye - que consideraram distintamente três campos de aplicação desta reflexão: a

teoria de uma ciência existente (a gramática comparativa), uma especulação filosófica sobre a linguagem e o programa de uma ciência nascente.

Voltemos a este aspecto de seu livro, de ser uma leitura de Saussure organizada por uma “teoria do conhecimento”. Permanecemos sobre a questão da história dos textos: Não é curioso que Saussure não tenha escrito o “Curso de Linguística Geral”?

Se olharmos para a produção científica de Saussure, não há quase nada publicado, fora as circunstâncias que o forçaram. Seu famoso “Memorial sobre o sistema primitivo das vogais em línguas indo-européias” - uma das obras-chave da gramática comparativa -, era uma tese acadêmica. Seus artigos, sempre muito breves, lhes foram impostos por sua aparição na Sociedade de Linguística de Paris ou pela necessidade fraternal de participar à quantidade de “encontros”. Além disso, era um professor muito atento e dedicado aos seus alunos e um homem preocupado com uma reflexão persistente, como verificado nos manuscritos fragmentários, rascunhos, aforismos – como igualmente demonstrado em seus cursos.

Sabemos por que ele não publicou mais?

Quanto mais eu vou a seus textos, menos eu me permito tirar conclusões a seu respeito. Em minha opinião, procuramos demais interpretações, psicanalíticas ou não, e muito pouco lemos seus textos. Acontece que esses textos existem, notavelmente sob a forma de notas do curso e manuscritos, e estes que são minha mina de ouro. Isto que é o interessante em Saussure.

Você disse que o pensamento de Saussure, lido nos textos originais, é hoje mais rico de questões que o Curso de Linguística Geral. De que questões se tratam?

Primeira questão da história da Linguística. É claro que Saussure não é, em Linguística, o único pai do estruturalismo. Ele pensou também os fundamentos teóricos de grandes correntes teóricas posteriores ao estruturalismo: Gramática Gerativa, Pragmática, Análise do Discurso. Em suma, o Saussure descrito como um pouco “ultrapassado”, por Noam Chomsky em particular, não é o Saussure do pensamento deformado do “Curso”. Para dizer ainda de outra maneira, os textos originais evitam previamente muitas das críticas dirigidas ao “Curso”. E grandes correntes da Linguística contemporânea aparecem, em última análise, muito mais saussurianas do que elas reconhecem. Reler Saussure hoje envolve também questões para a prática linguística. Isso é muito técnico e

eu prefiro remeter seus leitores ao último capítulo do meu livro, que descreve algumas perspectivas a partir deste ponto de vista. Enfim, uma nova leitura de Saussure me parece crucial, mais amplamente, para a história das ideias em ciências humanas.

Relembramos a esse respeito à “teoria do conhecimento” que mencionamos anteriormente.

Absolutamente. A elaboração saussuriana é uma ilustração exemplar da potencialidade das ciências humanas no conhecimento. Na verdade, o linguista genebrino fez obras de filosofia das ciências humanas, nas quais ele distingue claramente três campos de reflexão. Primeiramente, ele pensa a teoria de uma ciência, dito de outra maneira, o que chamamos hoje de epistemologia. Essa ciência é a gramática comparativa, da qual ele é o primeiro a fazer uma epistemologia rigorosa: ele analisa a gramática comparativa como uma ciência galileana. Em segundo lugar, ele desenvolve uma reflexão puramente metafísica sobre o fato da linguagem, uma reflexão inscrita na tradição filosófica e notavelmente na filiação da filosofia do século XVIII – e é precisamente aí, articulando esta reflexão epistemológica à sua reflexão metafísica, que ele opera uma revolução na tradição filosófica. Em terceiro lugar (na verdade é uma extensão de sua reflexão metafísica), ele idealizou o programa - a aposta – de uma ciência nascente. É esse terceiro campo de reflexão apenas que Bally e Sechehaye traduzem, cortando os dois outros que justificam todo seu valor. As citações de muitos textos originais, em meu livro, têm por objetivo dar acesso a esse conjunto oculto da construção intelectual saussuriana.

Proporcionar acesso a uma teoria do conhecimento?

Não diretamente. É mais uma ilustração de uma teoria do conhecimento aplicada à Linguística. Esta teoria, nela mesma, é muito simples. Em suma, é aquela que tem a intenção, de um lado, que se as ciências humanas são ciências, que elas satisfaçam aos critérios epistemológicos gerais, caso contrário o termo “ciência” não terá conteúdo a seu propósito. É aquela que tem a intenção, por outro lado, que o domínio do pensamento sobre o Homem, que não satisfaz a esses critérios, seja considerado apenas complementar (como na teoria dos conjuntos) do saber positivo nas ciências humanas. Para nomear essa área conceitual complementar, eu emprego o termo “metafísica”. Apoiando-me, para essa análise, sobre a reflexão epistemológica desenvolvida, na sua

Introdução a ciência da linguagem (Edições de Seuil, Paris, 1989), de alguém que também foi um dos meus mestres em Linguística, Jean-Claude Milner.

Então, houve um período no qual fizeram ciência positiva sobre os fatos humanos sem se colocar perguntas. Houve outro período no qual se reivindicou a positividade das ciências humanas. Em seguida, na década de 60, reivindicou-se uma posição específica nas ciências humanas, incluindo notavelmente as bases de Saussure. Seu livro é um sinal de que as coisas mudaram e que a questão não pode mais ser colocada dessa forma?

Espero. Como você aponta, o que os textos originais vêm refutar, é apenas uma posição filosófica que exigiu um tempo, fundada pelo pensamento de Saussure! Como teórico do conhecimento (um tanto epistemólogo e metafísico), Saussure me parece muito mais moderno que seus sucessores. Podemos mesmo chamá-lo, em termos de filosofia da ciência contemporânea, de visionário. Além disso, se seu pensamento, por meio do “Curso” fecundou bastante a Linguística do século, ele não colheu além de poucos frutos em filosofia e história das ciências – o que não é surpreendente, dado o viés por Bally e Sechehaye. Na minha “Introdução à Leitura de Saussure”, eu me esforço exatamente em lhe apresentar deste ponto de vista, o que é novo na história da crítica saussuriana. Mas não é além, verdadeiramente, que uma introdução e, principalmente sobre a metafísica saussuriana da língua, restará muito a dizer, como por exemplo, realçar sua relação com Wittgenstein. No entanto, o mais urgente, em minha opinião, é dar acesso mais completo aos textos das lições genebrinas de Linguística Geral, incluindo a não linguistas. É por isso que minha prioridade hoje é implementar a nova edição. E é por isso que escolhemos, junto com Gallimard, publicar essa edição na Biblioteca de filosofia.

Tradução: Júlia Lourenço Costa